
Para quem tem medo da arte contemporânea por Agnaldo Farias, 2014

“Nossa relação com o mundo é arrogante. Nós nos colocamos acima, pensamos dominar. Os artistas nos mostram que isso não existe. Nós estamos em função das coisas, ou os termos são recíprocos”.

Essa observação feita por Agnaldo Farias, ainda em 2001, em uma conferência sobre tendências da arte contemporânea no Brasil, fala do lugar da arte e do lugar especial do artista na tentativa de construir uma relação mais sensível entre nós e o mundo, as nossas rotinas, a natureza e – por que não usar uma palavra tão gasta? – o desenvolvimento, incluindo aqui o desenvolvimento das nossas narrativas pessoais. Crítico, curador, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, consultor do Instituto Tomie Ohtake, Farias tem uma longa história de dedicação à pesquisa sobre literatura e artes plásticas mas, só nos anos mais recentes, tem dedicado seu olhar à fotografia.

Talvez por isso um de seus dois momentos de participação na programação oficial do Paraty em Foco 2014 atenda pelo humilde título do workshop “Lições de um outro lugar ou Análises de obras fotográficas por parte de um ignorante em fotografia mas não de todo em imagens, fotográficas ou não”.

Em suas entrevistas, ele ressalta que a arte contemporânea está nas mídias, pode ser tecnológica e de alto alcance, como os smartphones, e tem cada vez mais contato com as pessoas. No entanto, essa relação entre o público e a arte ainda é muito instável e temerosa. Muitos aspectos ainda distanciam o público da produção contemporânea e o mercado da arte é um deles.

Ver Farias falando sobre a arte é entender que esses processos de criação têm uma inteligência própria, mas muito alcançável porque está inscrita em cada um de nós. Seu trabalho é um degrau para que possamos perder o medo da arte. “[A arte contemporânea possui] Trabalhos que tratam aspectos candentes na nossa vida, nos atingem de muito perto, são temas palpitantes. Não são simples, porque nós não somos simples. Não conseguimos entender a nossa economia, o nosso dia a dia, nossa vida, nossos cotidianos, porque a arte deveria ser diferente?”, questiona em entrevista à Revista Zum.

“A arte contemporânea é quase terra de ninguém, uma fronteira”, afirma apontando a produção contemporânea em seu lugar de entremeio, destacando o cruzamento cada vez mais intenso entre artes visuais, literatura, música, dança, teatro, cinema. “Essa é a fertilidade dela [a arte contemporânea]. Virou um lugar que pode ser frequentado por todo mundo que não se sinta encaixado, não se sinta à vontade em territórios há muito percorridos. Por isso mesmo, ela é fronteira, ela é zona de desbravamento, e ela indubitavelmente diz respeito ao nosso futuro, ao futuro do próprio ser”.

Para Farias, durante muito tempo, a fotografia esteve confinada no universo dos fotógrafos, que se retroalimentam da própria fotografia, seus conteúdos, seus cânones. Nessa compreensão, compara a fotografia com uma forma de deísmo, mencionando os conceitos de registro, instante, entre outros, como espécies de dogmas em que a fotografia investiu durante muito tempo, desde o seu surgimento até, por exemplo, a tradição bressoniana, de Capa ao fotojornalismo e a fotografia pré-anos 60.

Nesse contexto, o pesquisador faz referência a alguns fotógrafos que reconhece como pontos fora da curva, como Man Ray e Geraldo de Barros, Oiticica, etc. E aponta que desde os anos 60, a foto-

grafia começa também a ser utilizada mais intensamente por artistas que não são fotógrafos como Andy Warhol. Sobre isso, lembramos os questionamentos sobre a prática fotográfica levantados por André Rouillé e sua proposta de divisão entre a arte dos fotógrafos e a fotografia dos artistas. Para Rouillé, “a arte dos fotógrafos está no campo da fotografia e significa um processo artístico dos fotógrafos, e a fotografia dos artistas, como já esclarece o nome, é o uso da prática fotográfica pelos artistas em resposta às indagações que surgem nesse meio”. Mas aqui, em meio ao olhar generoso de Farias, focar nesse dilema parece recorrer ao debate sobre quem veio primeiro o ovo, a galinha, o milho, etc.

Em suas pesquisas, Agnaldo Farias nos aponta o processo de complexificação, ao longo dessa história de experimentação, da fotografia não como prática, mas como modo de pensar. A fotografia entra na arte contemporânea e se aglutina com ela, nos entregando novos resultados, como o fotojornalismo que entra no espaço fechado das Bienais e como a perda de sentido na própria divisão entre a arte dos fotógrafos e a fotografia dos artistas.

Em sua fala para o Paraty em Foco, Agnaldo apontará a fotografia como uma prática poética, rica em lirismo, olhar alinhavado no belo trabalho de Masao Yamamoto. “As fotografias de Masao Yamamoto têm pequenas dimensões, a maioria delas, como declara o artista, cabe na palma da mão, como um pequeno objeto que recolhemos e olhamos com cuidado, como um pássaro que agarramos com surpresa e ternura, desejando acalmar o ritmo frenético do seu coração”, destaca o crítico de arte, que assina o catálogo da exposição de Yamamoto levada a São Paulo, em abril deste ano, pela Galeria Guarnieri.

Para Agnaldo Farias, Masao é o autor de uma fotografia que se debruça sobre o detalhe. Na contramão dos grandes painéis que tomam cada vez mais as exposições fotográficas contemporâneas, Masao caminha pelo sinuoso e delicado percurso das fotografias de pequena escala. Imagens de palma de mão, tocáveis e vulneráveis, mas ricas como pequenas joias. Produzidas analogicamente e super manipuladas pelo artista, elas pedem um olhar apurado, aproximado, e quase carinhoso.

Farias traz ao Paraty a discussão sobre a poesia de flores e pássaros, voos e árvores, mulheres e gatos no quase preto e branco de Masao, um artista que não se enquadra nos modelos de fotografia de natureza que nos foram inicialmente ensinados. Na introdução do texto “Lições das Coisas”, Agnaldo fala do papel dos objetos na vida contemporânea e lembra Barthes. “Tal homem tal objeto. Os objetos, deles disse Barthes, “são a nossa assinatura no mundo”, alertando ainda que “não devemos nos esquecer que um objeto é o melhor mensageiro de um mundo que está por cima da natureza”. A fotografia de Masao, como pequeno objeto artístico, riqueza restrita quase à palma de uma mão, parece querer nos revelar segredos, faz conosco o que Duchamp fez com a obra-instalação *Étant donnés* (Given: 1 The Waterfall, 2. The Illuminating glass). Nela, com muita delicadeza, o artista guarda uma descoberta que, como a fotografia, precisa de olhos atentos. A fotografia de Masao, sua melhor mensagem, nos torna humildes.

Texto de Agnaldo Farias para o website Paraty em Foco sobre a obra de Masao Yamamoto.

Mostra individual de Masao Yamamoto chega à São Paulo por Lila Varo, 2014

Em sua segunda individual na América Latina, o artista japonês Masao Yamamoto, considerado um dos maiores fotógrafos do Japão, exhibe no próximo dia 05 de abril, das 15h às 19h, trabalhos produzidos desde os anos 90 intitulados A Box of Ku, Nakazora e KAWA=Flow.

A exposição individual apresenta uma série com livros, fotografias e instalação, que sinaliza a potência de uma poética da delicadeza na obra do artista, que possui trabalhos em coleções públicas e privadas nos EUA, no Museu Victoria&Albert, de Londres e na Maison Européenne de la Photographie, na França.

Em um mundo em que a imanência entre o homem e a natureza parece sinalizar uma ruptura, Masao Yamamoto debruça-se em suas fotografias para um olhar que ainda salvaguarda esta união. Em pequenos formatos, as imagens são tessituras, brechas, espaços de singularidades daquilo que mantém as relações entre os seres humanos e o espaço cíclico do natural: a memória e o tempo.

O cotidiano, aspecto que singulariza o humano, torna-se no descuido do tempo algo ordinário. Interessa ao olhar não ocidental de Yamamoto, enxergar nas “pequenas coisas” imagens que se tornaram invisíveis no cotidiano, transformando-a em um profundo belo estético. Nada é pretensioso e desmedido, pois obedece ao tempo natural da vida.

Após fotografar as imagens, o artista deixa que o tempo ordene a sua força, carregando consigo, em seu bolso, os momentos capturados. Com esse deslocamento, do homem-artista, as fotografias sofrem alterações: manchas, rasgos e vincos. “As imagens têm seu tempo dilatado, um álbum construído com personagens e cenas de uma memória coletiva e em envelhecimento provocado”, aponta o texto curatorial.

Após a passagem por “imagens amareladas e em contraste acentuado” em A Box of Ku, Masao sugere a suspensão do tempo, um intervalo, e que na língua de seu país pode ser traduzido como Nakazora, “um estado onde os pés não tocam o chão, o espaço entre o céu e a terra”.

KAWA=Flow parte de um princípio budista, recontado pelas palavras do artista: “Buda ensinou que uma pessoa começa a viver para a morte no dia em que nasce, e não há nada mais óbvio que isso”. Série recente de sua obra intui, nesta, a dilatação do tempo, interim entre a vida e a morte ou os processos que ocorrem no espaço da natureza: Um rio, fluxos e passagens: nascimento/morte – passado/futuro

Texto de Lila Varo para o website Mistura Urbana sobre a exposição de Masao Yamamoto na Galeria Marcelo Guarnieri em 2014.

A poesia visual de Masao Yamamoto por Igor Prado, 2014

Com uma técnica incomum de fazer fotografia, Masao cria uma obra extremamente poética que convida o observador a olhar suas fotos mais de perto.

Concentre-se por um instante na cena mais comum que estiver lhe ocorrendo agora. Procure beleza em algum detalhe que lhe tenha passado despercebido. Pronto, já podemos falar da obra de Masao.

O singular e poderoso minimalismo estético das fotos de Masao Yamamoto (Japão, 1957), revela um mundo sutil, ordinário e, ao mesmo tempo, extremamente belo. Tudo isso se dá em uma fotografia muito pequena, por vezes minúscula. Com isso, o observador é convidado a entrar em um harmonioso mundo que pode ser visto por qualquer um, mas que nem sempre é percebido por todos.

O fotógrafo fugiu de todos os padrões fotográficos, indo além das tradicionais preocupações técnicas e criou uma trabalho coeso, minimalista e de certa forma, grandioso. Yamamoto amassa e algumas vezes até rasga suas fotos, as manipula de forma totalmente analógica para que transmitam um ar de experimentalismo. Mas após um olhar mais calmo, as fotos – que parecem terem sofrido com o tempo – mostram na verdade um processo meticuloso e extremamente calculado. Além disso, as cores utilizadas tem uma relação perfeita com o significado de suas obras. A maioria delas são feitas em um falso preto e branco. Falso pois se repararmos bem, há cor ali. Outras utilizam de cores esmaecidas, nudes e frias.

“Você pode imprimir fotografias do tamanho que você quiser. Mas há um tamanho apropriado para tudo. As minhas impressões são pequenas, pois quero poder segurá-las em minha mão. Quero que elas se tornem um objeto.”

A natureza, os animais, os corpos nus e até mesmo os elementos típicos da cultura japonesa, são retratados em um poesia que não se utiliza de palavras. Para Masao, harmonia é a constante interação entre homem e natureza.

A série KAWA=FLOW, um dos mais recentes trabalho do fotógrafo, é sobre “o mundo onde estamos e o mundo para onde iremos no futuro”. Segundo ele, a intenção é criar um relaxamento e purificação na mente dos espectadores, e de alguma forma, mudar a forma como as pessoas observam a relação entre o homem e a natureza.

As exposições das obras do artistas normalmente são feitas de três modos: uma pequena foto em um paspartu maior, assim a foto flutua sobre um fundo branco; colocadas diretamente na parede, formando uma nuvem de fotografias; ou colocadas em uma caixa. As fotografias expostas não possuem uma ordem de exibição, o espectador é que define quais e como as verá.

Texto de Igor Prado para a Revista Makers sobre a obra de Masao Yamamoto.

**KAWA=Flow Exhibition by Yamamoto Masao
por Munehisa Masao**

Most of his photographic works are in monochrome and its aged texture reminds us of “memories dropping out of someone’s drawers”. Snapshot sized, yet speechlessly beautiful pictures have been exhibited in groups of ten to several hundred spread across the wall, or sometimes placed in a small box. Tranquility around each photograph filled the entire space. Strangely, the existence of a single piece of art and a whole installation seemed to be equal. It recalls oriental and Japanese ideas about the relationships between the world and self. Western audiences pick up those essences and are the reason why his work is widely appreciated in the western world.

It is clear that Yamamoto’s new attempt is in “KAWA=Flow”. Unlike previous exhibitions, he mounted framed pictures one by one. This time the audience is able to experience each one individually, instead of viewing the collective entity. Kawa (river) is not a geographical border but is instead viewed as a sentimental divide. Lines that divide life and death are examples of this. Kawa also implies the flow of our on-going life. The artist experiences the flow when he releases the shutters and takes a picture. Yamamoto has seen and experienced thousands of rivers. The images he captured remind the audience of an existence of a river that flows from current life to future life. When the audience looks at the world, (which is the individual according to oriental thoughts,) they realize that both conscious and unconscious thoughts all flow like a river.

Framed individually, his work can be similar to the poetry style of HAIKU. HAIKU brings flow to the poetry world by featuring seasonal words and capturing a vivid moment. Yamamoto’s photographic works present a moment in a similarly beautiful and momentous flow. The world is beautiful and ever changing; only when we stop at this river do we notice the flow.

Texto de Masao Munehisa sobre a exposição KAWA=Flow de Masao Yamamoto.

Japanese photographer Masao Yamamoto has intrigued me since I first held several of his tiny energy-charged photos in my hands at a photography festival in California in 2003. I could not leave without taking three of these precious objects home with me (at a price I could barely afford at the time). Five years later, those same photos float on the wall in my home where I can see them every day, in all kinds of light, and they still exert that same emotional pull on me every time I stop to look at them.

I had the pleasure of meeting him in Paris in 2007 during an opening at Galerie Camera Obscura, and then we met again for lunch in November 2008. We spoke with the help of an interpreter. But what was even more memorable was the way he silently placed eleven of his small photos on a glass table and started to arrange and re-arrange them into a kind of visual haiku. Each slight shuffle changed the poetry and context, and the possibilities seemed almost limitless.

So, I was delighted to discover this brief video interview with Masao Yamamoto made by Laetitia Berthomé and Fabien Bosdedore (in Japanese, with French over-dub). Colleen Leonard, who has been contributing to Lens Culture, first pointed it out to us a couple days ago, and then, generously, provided this English translation:

Introduction:

“Masao Yamamoto is a photographer, born in 1957 in Japan. He studied fine arts and painting before finding his expression through photography. Since his debut in the 80s he has explored the emotional power of the intimate images that each one of us keeps with us as amulets.”

Yamamoto, talking:

“In the past, when I was a child, I collected insects. I have a tendency to collect things. As an adult, instead of killing the insects, I began to take photos of them to collect the images.

“When I photograph, I start out with an open mind. If I start out with a precise idea of what I want to photograph, I might miss an interesting event or object. So, I begin with an open mind and try to photograph all kinds of objects.

“As you can see, my photos are small and seem old. In fact, I work so that they’re like that. I could wait 30 years before using them, but that’s impossible. So, I must age them. I take them out with me on walks, I rub them with my hands, this is what gives me my desired expression. This is called the process of forgetting or the production of memory. Because in old photos the memories are completely manipulated and it’s this that interests me and this is the reason that I do this work.

“If I take small photos, it’s because I want to make them into the matter of memories. And it’s for this reason that I think the best format is one that is held in the hollow of the hand. If we can hold the photo in our hand, we can hold a memory in our hand. A little like when we keep a family photo with us.

“I construct a story by hanging several small photos. I don’t do it chronologically. Sometimes I start with the end, sometimes with the middle, I never know where I will start. I attach one, then another, and then a third. Even I have no idea of the story it tells before I start hanging. It’s only in the theo-

retic hanging that the sense appears to me.

“In fact it’s as if I’m climbing a staircase and at the same time picking up some lovely stones. Even if I had decided to only take the white stones, if I see a black one I like I’ll take it too. It’s the same thing when I’m hanging, the story unfolds in a random way.

“Long ago, there was a man named Ryokan, who was a calligrapher and a poet. I have an enormous amount of respect for him. In one of his Haikus he describes simply the movement of a leaf trembling as it falls. But in reality, this poem can be interpreted in several ways. For example the falling leaf could be a metaphor for life, the right side up, the bad, and the reverse side, the good. From this simple natural phenomenon he speaks of much deeper things. I find this remarkable. I would like to take these kinds of photos.

“For me a good photo is one that soothes. Makes us feel kind, gentle. A photo that gives us courage, that reminds us of good memories, that makes people happy.”

—LensCulture

Special thanks to Jackson Fine Arts.

Texto do website LensCulture sobre a obra de Masao Yamamoto.

por Masao Yamamoto

Just as a painter putting line to paper is attracted by natural forms, so I am attracted to natural phenomena when I release the shutter, it is fortunate that the machine we call 'camera' captures only that which is present before its lens. When imagination draws a line to boast creativity, a painting without reality results. A photograph, however, is anchored in reality. I photograph to capture existing phenomena. Thinking about this day by day, the mountain ceases to be a mountain, the cloud is no cloud, things left behind are not left behind. . . maybe I begin to see what only I can see. Releasing the shutter, developing film, printing on paper - I accumulate impressions. I enjoy having these impressions in a leather box, in a drawer at home, or in an album.

Up to now I have been working in the form of installation. What overflows from one photograph would flow into the next piece, and in two's and three's, the groups would create a combined effect, like the layered notes of an orchestra.

But recently my thoughts are more focused on the individual incident - the urge to dwell deeper into each element is rising slowly. A landscape or an incident around me is cut out into a square piece of photograph. What that square piece will inspire in you... perhaps it is something that already exists inside of you.

Texto de Masao Yamamoto sobre sua obra.